

"O DEBATE,"  
Serviço de Administração  
Rua dos Mercadores, 26—Aveiro

# O Debate

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ NO DISTRITO DE AVEIRO

Assinaturas	
Ano .....	6\$00
Semestre .....	3\$00
Estrangeiro e ultramar .....	12\$00
Avulso .....	\$15

Anuncios, linha—\$30  
Permanentes, contracto especial

Fundador—DR. JOSÉ BARATA

Director—Manuel das Neves

Administrador—José Augusto Couceiro

Redacção e Administração  
Rua dos Mercadores, n.º 26—AVEIRO

Editor—Manuel das Neves  
Anunciam-se as publicações de que nos seja enviado um exemplar  
Composto e impresso na Tip. Progresso (a electricidade)—AVEIRO

31—1—1891

Gloria aos vencidos!  
Gloria aos primeiros Martires da Republica!

Faz hoje 32 anos.  
Porto, a cidade de gloriosas tradições liberais, quiz ilustrar com mais um facto grandioso as paginas da sua historia.

Na madrugada de 31 de Janeiro de 1891, um cortejo imponente em que tomavam parte algumas forças da guarnição da cidade e uma compacta multidão de civis, saía do Campo de Santo Ovidio e descia a rua do Almada em direcção á praça de D. Pedro.

A' frente, uma banda tocava a Portuguesa, cantada em côro pelos revolucionarios.

Das janelas, os moradores saudavam com entusiasmo, secundando os vivas da multidão, acenando com os lenços.

Chegados á praça, as tropas formam. A casa da Camara é assaltada e no edificio hasteada a bandeira vermelha e verde que recebeu nesse momento a sua consagração.

O dr. Alves da Veiga, chefe civil do movimento, assoma a uma janela, faz num vibrante discurso a apologia da Republica e acusa os crimes da monarchia, que é abolida.

A Republica é proclamada e aclamado o governo provisorio.

Nesse momento solene o entusiasmo de todos é indescritivel.

Os revolucionarios teem absoluta confiança na vitoria da sua causa.

O Porto, a cidade de tradições liberais, tinha proclamado a Republica.

Todo o país receberia com entusiasmo a mudança, a destituição dos braganças que nos tinham humilhado perante a Inglaterra.

Abandonados ás suas ilusões, fortes na crença que os animava, não podiam ver o perigo que os ameaçava.

Os dirigentes do movimento começaram por onde deviam ter terminado, tal era a confiança que tinham na justiça da sua causa e a tal segurança na vitoria, tão facilmente alcançada.

O Porto tinha-se manifestado e imporia a sua vontade ao resto do país, se houvesse veleidades de resistencia.

Mas onde estavam as res-

tantes forças da guarnição da cidade?

Qual a attitude da guarda municipal?

E o quartel general?

O telegrafo?

O primeiro receio arrefeceu o entusiasmo dos dirigentes.

Uma pequena força mandada em exploração á Batalha, veio revelar que, no alto da rua de Santo Antonio, a municipal barrava a passagem.

Não podia ser! A municipal não hostilizaria o movimento.

De novo se organisou o cortejo que em marcha triumphal começou a subir a rua de Santo Antonio.

De novo os acordes da Portuguesa se fizeram ouvir e as estrofes do hino patriótico foram cantadas por milhares de vozes.

Mas do alto da rua, um toque de corneta, frio, sepulcral, fez gelar o sangue nas veias aos mais ousados.

Um silencio de morte pairou sobre aquela massa que estacou.

Refeita do primeiro susto, a marcha recomeçou com o mesmo entusiasmo.

Novo toque de corneta; nova suspensão no movimento e outra vez o silencio.

Um tiro isolado partiu, logo seguido de uma descarga, vinda lá do cimo, a que respondeu a Guarda Fiscal que marcha á frente.

A barreira humana que fechava a rua ficou desfeita; mas o terror pânico que se apoderou da massa dos assaltantes é indescritivel.

Emquanto os civis fugiam espavoridas o capitão Leitão, o tenente Coelho e o Alferes Malheiro, firmes no seu posto, ordenam as forças que comandavam.

Começa então um tiroteio violento, que durou pouco mais de uma hora: as forças republicanas encravadas nos passeios, animadas pelo exemplo dos seus chefes; a municipal, lá, no alto, numa posição favoravel.

Não havia possibilidade de prolongar por muito tempo o combate em condições tão desfavoraveis para os republicanos que estoicamente se sacrificavam, morrendo como heróis.

Os poucos que puderam salvar-se desceram lentamente a rua, refugiando-se na casa

da camara onde a resistencia era impossivel.

Estava terminada a luta, vencida a Republica e restaurada a monarchia.

A rua de Santo Antonio ficou tinta com o sangue dos primeiros Martires da Republica.

Assim tinha de liquidar essa aventura.

Desde 1889, vivia Portugal numa agitação constante.

A Inglaterra sem respeito pelos nossos direitos tradicionais, sem considerações pela lealdade com que sempre a tratamos, como nossa velha aliada, apoderou-se em Africa de territorios cuja posse ninguem nos tinha contestado, que os nossos maiores nos tinham legado e que os nossos pioneiros tinham explorado.

O ultimatum de 11 de Janeiro de 1890 feriu profundamente os nossos sentimentos patrióticos.

Povo pequeno, pobre, humilde, mas consciencia da sua acção historica, repelimos com energia a afronta recebida.

Os protestos unanimes com que esse acto brutal foi recebido por todo o país, o movimento de revolta que provocou, constituem um dos episodios mais interessantes da nossa historia no ultimo quartel do seculo passado.

Governo e parlamento tremem perante a opinião publica.

.....  
Brada a Europa á terra inteira: Portugal não pereceu.

.....  
Seja o eco de uma afronta  
O sinal de ressurgir

.....  
Nesta atmosfera de patriotismo exaltado se robusteceu o partido republicano, e encetou os trabalhos de organização revolucionaria, metodicamente dirigidos.

O Directorio aconselhava prudencia aos mais exaltados, mas as suas observações não foram atendidas.

O Porto precipitou-se e o resultado dessa precipitação foi o desastre de 31 de Janeiro.

Descubramo-nos perante a sepultura dos que tão heroicamente perderam a vida nesse dia fatal.

Curvemo-nos respeitosos perante os cabelos brancos dos heróis ainda vivos, que 19 anos volvidos tiveram a dita de ver realizado o seu ideal.

.....  
C.

## Notas... ligeiras

### Respondendo...

Um pasquim imundo que para a Republica e cujo titulo é a absoluta antese das doutrinas e processos de que se servem os seus escrevinhadores, bolsa no seu ultimo numero um amontoado de velhas mentiras, procurando deturpar a nossa acção no conflito travado entre o bispo de Coimbra e o padre da Vera-Cruz.

Conhecemos de sobejo o estof moral dalguns dos escrevinhadores do referido papel e, por isso, pouco nos preocupam os ditos com pretensão a engraçados de qualquer caluniador ou mentiroso profissional.

Para nos desobrigarmos do dever de desmentir quem, sistematicamente, baseia os seus conceitos na mentira, bastava-nos transcrever certos trechos que noutros tempos viram a luz da publicidade sem que nunca fossem contraditados. Não queremos, por agora, servir-nos desse meio, embora ele fosse legitimo, porque para o campo pessoal já nos chamaram com a publicação de torpes e mentirosas insinuações. Lá iremos se a tanto nos quizerem forçar não porque concordemos com esses processos só proprios de fadistas, mas porque entendemos que á navalha de ponta e mola do rufia, só se pode responder condignamente com o punhal.

Mentir, mentir sempre, eis a sua norma predilecta.  
Mas não são apenas palavras—que, para muitos, poderiam não ter valor—que aqui queremos deixar exaradas; queremos factos, e factos vamos apresentar.

Publicou *O Debate* um artigo intitulado *Apelando da sentença* em que se faziam comentarios a uma campanha contra o bispo de Coimbra levantada pelo *Democrata*.

Nessa data declarámos, em nota da Redacção, que *O Debate* não se intrometia no assunto, publicando o artigo apenas para satisfazer o pedido, muito cortez, do seu autor. Como prova da nossa neutralidade, puzemos as nossas colunas á disposição de quem quizesse discutir o caso.

Não era isto suficiente prova de lealdade e independencia?

Não o entende assim *O Democrata* e, no seu ultimo numero, lá vem, velhacamente esperto, mentindo ignobilmente atribuir-nos a responsabilidade do que no nosso jornal saiu publicado sobre a questão suscitada entre o bispo de Coimbra e o padre da Vera-Cruz.

Mente sempre *O Democrata*, nem outra coisa lhe está na massa do sangue. E' tradição velha da casa.

Mente *O Democrata* quando diz que o bispo de Coimbra encontrou no *Debate* quem o defendesse. O bispo não encontrou quem o defendesse no *Debate*; encontrou as colunas deste jornal abertas á nobre discussão das ideas.

*O Debate* não dirigiu uma *caterva de sandices* ao articulista

do *Democrata* pela simples razão de que é neutro no conflito nada tendo, como de principio fez sciente, com as doutrinas de Antonio de Niza.

Mente ainda *O Democrata* quando admite a hipótese de arrebanharmos os de Niza para lhe *ladrarem ás canelas*. Não necessitamos do auxilio alheio para quebrarmos os dentes dos rafeiros que pretendem morder-nos a reputação.

De resto, antes nos queremos acompanhados por um cão, do que por qualquer caluniador, jorrandos por todos os póros a lama nauseabunda da sua sordidez moral.

Cremos ter provado exuberantemente que a mentira é a principal arma do mastim do *Democrata*. Mentirosos e cobardes.

Que são cobardes prova-lo-emos no proximo numero, porque hoje não nos sobeja o espaço.

E, para terminar, vamos a um confronto: Quem é mais leal: somos nós publicando um artigo de cuja doutrina, em parte, discordamos, pondo, todavia, as nossas colunas á disposição de quem quizesse controverte-lo, ou o *Democrata* inserindo, ha tempos, uma carta dum tal «João do Caes» em que se instigava a população de Aveiro a correr-nos a pontapés e a levar-nos, pelas orelhas, á estação, calcando assim o nobre sentimento da hospitalidade, só porque não navegavamos nas mesmas aguas politicas?

Que respondam a esta pergunta as pessoas de bem.

E... até ao proximo numero.

## Gazetilha

O tezo do «Democrata»,  
Fiado numa anistia,  
O julgamento adia,  
Temendo penas severas.  
E depois virá dizer:  
—Antes fossemos julgados  
P'ra mostrarmos aos jurados  
Quem é um jornal... e p'ras.

Cuca.

## EXPEDIENTE

Vamos enviar para o correio os recibos respeitantes á cobrança do 2.º semestre.

Aos nossos estimaveis assinantes pedimos a finés de não no-los devolverem porque isso nos acarretaria grandes perturbações na vida administrativa do jornal em consequencia das grandes despêsas que nos traz essa cobrança devido ao ultimo agravamento das taxas postaes.

Que os nossos assinantes a cujo favor «O DEBATE» deve a vida, considerem neste facto e nos poupem a despêsas escusadas.

## Funcionalismo Publico

Lavra grande descontentamento entre o funcionalismo publico do país devido á publicação do ultimo decreto sobre contribuição industrial que onera em excessos os seus magros vencimentos.

Não se compreende bem que o governo tivesse decretado ha poucos meses uma melhoria de vencimentos para agora vir reduzi-la com um imposto tam pesado.

# CASTELOS em RUINAS Os miseráveis... do sr. Presidente O julgamento do movimento de 19 de outubro

Em tão boa hora começamos a demolir as fortalezas do *Democrata* que ao cabo de pouco trabalho conseguimos arruinar uma boa parte do edificio pondo em risco de desabamento toda a obra.

Sciende da derrota, o inimigo volta cobardemente as costas e foge espavorido.

Vê que a calunia se desfaz com a verdade e desce mais baixo, torna-se mais hediondo, mais asqueroso, mais repulente: humilha-se até á mentira!

Não ousa refutar-nos ou defender-se sequer; reconhece-nos o direito e vê-se prostrado, abatido, exausto.

Não quer porém confessar-se vencido; e, sem sombra de pundonor, sem vislumbre de dignidade ou scentelha de brio, ainda procura ferir-nos rastejando até ao insulto mesquinho e soez!

A mentira vamos nós desfazer-la; o insulto, esse não chega a ferir-nos e antes será o opprobrio do indecoroso gazeteiro.

Pretende o *Democrata* que não haja contradição nas transcrições que fizemos, visto dever-se admitir a possibilidade de se saber hoje mais do que ontem se sabia.

Admitamos pois essa possibilidade.

Supondo que o *Democrata* primeiro escreveu como se só existisse o caso que se tornou objecto dos seus comentarios e censuras, ou seja o pretenso ultrage ao capellão, com que autoridade ousou afirmar que o Bispo só afronta os que por circunstancias especiais não podem condignamente repelir os agravos que a sua omnipotencia expele?

De resto o *Democrata* sabia que o Bispo tinha castigado o Prior da Vera-Cruz e que este respondera ao Bispo!

Mentiu, portanto, afirmando que o Prelado só ultraja os que lhe não podem responder e mente tambem quando diz que primeiro escreveu como se só existisse aquele que se tornou objecto dos seus comentarios e censuras...

Mais ainda.

O *Democrata* sabia ao escrever o primeiro artigo que o Bispo havia castigado o Padre Caçoilo, o Padre Encarnação e o Padre Campos.

Ele proprio o diz quando escreve:

«Que nos recorde» temos al o padre Caçoilo, o padre Encarnação, o padre Campos acintosamente perseguidos, calculadamente submetidos ás mais revoltantes exigencias e ás mais duras provas.

Ou quer o escrevinhador que se admita a possibilidade de se recordar duma coisa que nunca soube?

Mente, portanto, quando afirma que ao escrever o primeiro artigo conhecia apenas um caso de afronta por parte do Bispo!

Conhecendo a questão do padre Campos sabia o *Democrata* que este levita dirigiu ao Bispo uma carta aberta espalhada em folheto; mente, portanto, afirmando que o Bispo só ultraja os que lhe não podem responder.

E são estes gazeteiros de autoridade prostituida, cheios de repelentes mazelas, que ousam insultar pessoas dignas, cujo procedimento o seu bestino não atinge!

Deixá-los passar na sortidez dos seus sarcasmos, das suas mentiras, dos seus insultos e ultrajes, já que a sua pequenez os não deixa levantar até ao campo aplanado do combate de ideias...

Só nessa arena seremos contra eles.

Fóra dela voltamos enojados as costas temendo que se nos pegue a vileza que os consome.

Vileza, sim, que o *Democrata* tambem é vil.

Será preciso demonstrá-lo?

Se o não comprovassem quasi todos os seus numeros e se o não houvessem concluido todos os seus adversarios bastariam as suas «Espertezas» para cabalmente o demonstrar.

Não podendo atacar as nossas ideias nem defender os seus irrisorios principios, baixa até ao ultrage e faz dele arma com que pretende ferir.

Mas, ainda assim, não ousa atacar pela frente, como a ombridade manda, e arremete com a mais repugnante cobardia contra quem é inteiramente alheio á questão.

Bem sabe o *Democrata* que o *Debate*, se tem publicado os nossos artigos, não pretende contudo intrometer-se na questão e é inteiramente alheio a ela.

Ele mesmo o declarou quando, em nota da redacção, dizia que publicava o nosso artigo simplesmente para satisfazer ao nosso pedido e nunca para tomar parte na questão em debate.

A que vem pois, as investidas contra o *orgão*?

Caia sobre nós toda a tempestade de iras, de odios e malquerenças que o *Democrata* semanalmente desencadeia, mas que nunca á nossa sombra se insulte quem não é culpado dos nossos actos.

Não levem tão longe a sua vileza.

Se não podem defender-se, ataquem-nos. Se não podem atacar-nos e se acostumaram á injuria, injuriem-nos.

Arremetam com toda a sua enorme bagagem de prosa ultrajante e baixa mas contra nós e não contra o *orgão*.

Sejam malcriados e vis, mas ponham algum brio na maneira de ultrajar e ofender!

Não sejam, ao menos, cobardes!

São horas de terminar.

Alongar-me ainda mais seria abusar da paciencia dos leitores e ligar importancia imerecida aos reles gazetelheiros.

Quando quiserem combater com lealdade, com brio, com honra, defendendo principios e não vexando pessoas, contem com a nossa opposição.

Até lá durmam socegados que não serei eu que os acorde.

Até mais vêr pois, irmão!

Antonio de Niza.

## Juri criminal

Para o 1.º semestre de 1923 foram sorteados os seguintes cidadãos:

Alberto João Rosa, José do Vale Guimarães, João Gonçalves Sarriço, Antonio Fernandes Rangel, João Maria Pereira de Rezende, Alfredo Pereira da Luz, Domingos Simões Morgado, Manuel Maria da Silva Costa, Domingos Martins Vilaça, Manuel Nunes Visinho, Eduardo de Oliveira Barbosa, Francisco Pinto de Almeida, João Mendes da Costa, Manuel Francisco Atanasio de Carvalho, Antonio Ernesto Souto Ratola, Julio Gonçalves de Figueiredo, Alberto Soares Machado, Eugenio Couceiro, José Augusto Ferreira, Antonio Nunes da Anna, Manuel Tavares de Souza, Manuel Marques da Cunha, Manuel Fernandes Lopes, Francisco Antonio Meireles, Antonio Tomaz Marques Mostardinha, José da Cruz Pericão, João dos Santos Veiga, Roque Ferreira Patacão, Antonio de Oliveira Farelá, José Marques Soares, Manuel Rodrigues da Paula Graça, José Nunes Ferreira Ramos, Manuel Gonçalves Nunes, Antonio Alves Videira, Manuel Euzebio Pereira e Antonio Manuel da Silva.

A vida agrava-se dia a dia sem remissão possivel de um obstaculo intranponivel que detenha no seu agravamento este galopar infrene para o Nada.

A vida é hoje um pesadelo constante, quer para os agraviados no seu *menage*, quer para os novos ricos. Caminha-se ás cegas, sem tino, numa desorientação de doidos.

Todos clamam por melhoria de vencimentos. Dão-se subvenções. Criam-se impostos. Agravam-se e alteram-se os já existentes, e com mais ou menos *carra alegre*, os funcionarios do Estado lá se vão aguentando, mas fazendo sempre reclamações; pedindo equiparações, uma divisão do coeficiente 12 e não 9, e assim vão entretendo a vida.

Ora, enquanto estes assim vão entretendo a vida vão os funcionarios administrativos entretendo a fome com as respostas ambíguas do sr. Presidente.

Na sessão da Comissão Executiva da Camara, no dia 25 do mes passado, os officiaes da administração apresentaram ali uma petição de aumento aos seus mínguados vencimentos que, segundo as nossas informações, não terão solução.

No passado domingo vimos que os empregados da Camara foram todos ao consultorio do sr. Presidente, não em visita de cumprimentos, com certeza, mas no intuito talvez de implorarem misericordia para a sua situação.

Não sabemos o que os empregados disseram, nem a resposta que o sr. Presidente lhes deu, mas com toda a certeza que receberam a resposta que aos officiaes de delicias da administração foi dada em sessão da semana finda.

Não se concebe que agora, tendo-se pedido uma enorme percentagem para a Camara, das contribuições do Estado, tendo-se elevado sem consciencia nem dó, todos os impostos camararios, se não possam dar mais uns miserios *papeis* aos officiaes da administração e aos miseráveis... do sr. Presidente.

X.

## Dr. Cesar Fontes

Abriu clinica nesta cidade com especialidade em vias urinaes, operações e sífilis o nosso amigo dr. Cesar Fontes, abalado cirurgião.

Medico dos mais distintos, tendo obtido sempre, no seu curso, classificações honrosas, ele marcará um logar de relevo entre os seus colegas de Aveiro.

Os seus méritos profissionais foram já assinalados em diversas operações das quaes destacamos as duas seguintes:

operação de *syndactilia* e *tumor de punho* feita ao menino Décio, filho do sr. Domingos Cerqueira, inspector escolar;

operação de *reseccão costal* feita a uma doente de Ilhavo, sendo operadores este nosso amigo e o dr. Soares Machado, distinto clinico desta cidade e anestesista o dr. Carvalho, de Ilhavo.

Temos a certeza de que S. Ex.ª conquistará novos triunfos e aumentará a simpatia de que já gosa entre os aveirenses.

## «O DEBATE»

E' o jornal de maior tiragem em todo o districto de Aveiro.

**Quarto** PRECISA-SE um com entrada independente e com luz. Carta á redacção a V. G. J.

Lentamente, a passo de lesma, tem prosseguido o julgamento dos officiaes que fizeram o movimento revolucionario de 19 de outubro que, os mal intencionados, aproveitaram para cobrir de luto a Republica.

O depoimento do dr. Barbosa Viana deve ter produzido intensa luz no tribunal, e os monarchicos, pedindo em gritaria que luz se fizesse sobre os tenebrosos morticínios daquela noite tragica, ficaram cegos perante as revelações do ex-director da P. S. E.

Nós conhecemos alguns dos officiaes que estão sendo julgados e sobre o seu republicanismo ninguem tem o direito de lançar a menor suspeita. Sentados nos bancos dos reus, como vulgares bandidos e assassinos, encontram-se Manuel Maria Coelho, veneranda reliquia do 31 de Janeiro, perante o qual todos os republicanos de hoje e homens de bem devemos descobrir-nos, na certeza que saudamos uma austera figura moral e o capitão Camilo de Oliveira, figura primacial no movimento, que é um lidimo caracter, alma generosa e boa e incapaz duma acção vil ou duma deslealdade impropria do seu brio militar.

Podiam estes homens associar a si, para um movimento que eles queriam tivesse como finalidade o engrandecimento da Republica e da Patria por uma administração moralisadora e honesta, esses *dentos de ouro* que apparecem para apenas satisfazerem ruins paixões e inveterados odios de antenticos trauliteiros.

A quem aproveitaria politicamente a morte do presidente dum governo republicano e dos malogrados Carlos da Maia e Machado Santos inconfundiveis figuras da Republica?

Qual a alma perversa de republicano, que não fosse um desvairado ou um louco, tentaria contra a vida de eminentes correligionarios seus?

Estas perguntas hemos formulado no nosso espirito por varias vezes e não encontramos senão esta resposta: as barbaridades cometidas só aproveitariam politicamente aos inimigos da Republica, aproveitando todas os momentos de desordem para satisfazer vinganças e saciar odios contra o regimen; e com estes só podiam acamaradar *monstros* de carne humana que parasitando na sociedade, da desordem fazem profissão.

Ora, estas aberrações da natureza não tem ideal politico, são simplesmente monstros. Nós condenamos com toda a nossa alma de republicanos o movimento revolucionario de 19 de outubro, não pelos acontecimentos tragicos que se lhe seguiram, mas porque não lhe encontramos justificação, como a não encontramos a qualquer outro dentro da Republica provocado pelos republicanos contra governos legalmente constitui-

dos; porem, sangra-nos a alma e levantamos o nosso protesto contra a atmosfera de odio e malcrença que tem envolvido os officiaes que tomaram parte no 19 de outubro, querendo-os fazer acamaradar com bandidos e assassinos.

Faça-se luz, gritam os reacionarios de todos os matizes! e quando a luz parece começar a brilhar, como que a ilumina-los á nossa vista, pedem trévas com receio de complicações *estranhas*.

Desejamos o esclarecimento completo da verdade, queremos que implacavelmente recaiam as penalidades da lei sobre os culpados; mas não desencadeemos mais tempestades de odios contra aqueles que, victimas da sua boa fé julgando salvar a Republica, a viram maculada pela traição e desvairamento alheios. São horas de finalizarem as paixões politicas, que todos os republicanos se respeitem mutuamente e dentro dos seus principios da Democracia façamos de Portugal uma Patria grande e tão digna dos nossos filhos como o foi dos nossos maiores.

Demos as mãos n'uma ancia de liberdade e progresso e em canticos de amor e beleza sigamos, não pela via dolorosa porque até hoje se tem arrastado a Republica, mas pelo caminho de horisontes largos que a conduzam ao maximo do seu aperfeiçoamento moral.

Será preciso para tal se conseguir expurgar a sociedade de indesejaveis elementos que a perturbam? Seja-se implacavel para com os profissionais da desordem, escalrachos daninhos, almas vis e corações putridos, que da liberdade tem uma noção torpe. Não confundamos, porém, estes chacais com os homens que, afastados um dia do caminho da legalidade por uma errada noção das coisas, são, no entanto, incapazes duma vileza que possa empanar a nobreza do seu caracter.

Afs.

## Salecimento

Com 15 anos de idade faleceu na terça-feira, na sua casa da Beira-Mar, a menina Maria da Apresentação Pinho das Neves, estremecida filha do nosso dedicado correligionario e amigo sr. José de Pinho das Neves, conceituado comerciante desta praça.

Avaliando a dôr cruciante que ora punge os corações dos desolados pais e demais familia enlutada, *O Debate* apresenta-lhes o seu cartão de sentidas condolencias.

## Agradecimento

A abaixo assinada vem, por este meio, manifestar a sua profunda gratidão a todas as pessoas que, durante a sua longa doença, se interessaram pelo seu estado, dada a impossibilidade de o fazer por outra forma.

Aveiro, 28 de Janeiro de 1923.

Joaquina Carvalho.

## O Sobreiro da Senhora da Lapa

## In memoriam

Já lá vão quarenta e tantos anos. Rapazes e raparigas do nosso tempo iam aos domingos, de tarde, tomar banho ao rio dos Vaos, como então era conhecida aquela parte do Vouga, logo acima da sua confluência com o Caima.

Era uma tarde de arraial, e tamanho dia tamanha romaria. Depois de meia hora de mergulho e brincadeira no seio daquelas claras águas, que não vinham inquinadas dos despejos da fábrica de Vale Maior, e, até pelo contrario, como nós acreditávamos, tinham a miraculosa virtude das águas dos Banhos de S. Pedro do Sul, saíamos para enxugar o corpo, com a toalha tépida que o sol nos emprestava naquelas calmanes tardes de Agosto.

Em seguida reuniamos-nos todos em alegre e folgazona promiscuidade, dançando no gramoal, junto ao rio, e depois de nos saturarmos de pó, que estava reclamando nova barrela, desandávamos todos, monte acima, e á formiga, pelo carreiro de cabras, até alcançarmos o espinhaço da serra, que só fazia depressão quando chegávamos ao Vale de Açores, ali bivacávamos, descaçando á sombra do velho sobreiro, o venerando patriarca daquelas quebradas, que durante séculos, agasalhou sob a sua folhagem hospitaleira, a modesta ermedinha da Senhora da Lapa, hoje viúva, e para sempre, daquele seu austero patrono e guardião, que até parecia, sob o olhar maguado e terno daquela santa, atrair osromeiros e revigorar-lhes a fé, ao divino refrigerio da sua sombra, no dia em que se fazia a sua festa.

Como os tremulos velinhos, de quem a morte parece ter-se esquecido por essas aldeias alem, e que esperam na vanguarda o primeiro sinal para fazerem a sua viagem até ao tumulo, já fartos de verem mundo, também aquele gigante da montanha contemplou na viziuhança o nascimento de todas as arvores que por ali, em volta dele sorriram e fenececeram, sempre com a propapia dum velho veterano que desafiava o tempo e as tempestades.

Roido o seu tronco até á medula, mas suportando a sua enorme ramagem, parecia que, só por milagre, ele se aguentava de pé, recebendo alento e vigor do maguado e dolorido olhar da santa, carinho que ele retribuía com a sua presença, beneficiando a aridez do local com o frondoso bracejar das suas enormes pernas, desapareceu ha um ano o braço de Açores, o glorioso ancestral que presenciou a construção dos mesquinhos casebres em volta e com o seu manto de verdura aconchegou os efemerios moradores da viziuhança, assistindo com as suas barbas brancas de aspero musgo, ao desaparecimento das velhas arvores que revestiram aquelas formosas encostas.

É ninguém por este gigante, caído por terra, terá sentido um desabafo de saudade e gratidão, por esse, que foi durante séculos, o representante glorioso de uma tradição obscura e terna, toda ela architectada ao doce bafejo da natureza e da crença. Mas uma lagrima de gratidão e saudade vertemo-la nós por esse que, sem ter gosado as honras da trova, como o celebre carvalho milagroso das proximidades do Porto, se desentranhou durante a vida, em tais e tantos benefícios que muitas vezes acudiu até aos exiguos recursos dos festeiros da Senhora da Lapa, que se aproveitavam dos seus grossos ramos para neles construir o corêto da musica que, tocando naquelas alturas, até parecia que tinha uma afinação celestial.

De tantas arvores anónimas e sem cronica que o tufão de 16 de Janeiro de 1922, de nefanda e nefasta memoria, deitou por terra, apenas esta nos merece este sincero desabafo, porque a sua morte acolcheta o nosso espirito a uma risonha quadra da nossa vida, e faz-nos pensar na força do destino que domina todas as causas deste mundo, quando, de vez, elas são batidas pela rajada do vento, ou sacudidas pelos açoites da desgraça.

O seu desaparecimento evoca uma pagina da minha existencia, que eu, agora mais do que nunca saudosamente avivo, nesta ladeira da vida, em que nós, olhando para traz, só vemos dispersos pelo chão ou os destroços de irrealizadas esperanças, ou o travor de fementidas ilusões. Tardes lindas dos arraiais da Senhora da Lapa, moças do nosso tempo, que assentáveis os vossos botequins á sombra do saudoso sobreiro, quando passardes em frente á capela, com os cabelos um pouco branqueados pelos estragos do tempo, murmurai uma preece, uma palavra de saudade por esse velho e bondoso sobreiro, porque as cousas mudas também tem a sua linguagem que o nosso coração bem compreende, sobretudo quando ellas foram testemunhas das alegrias e folguedos da nossa infancia.

E. Silva.

## O DEBATE através do districto

ILHAVO, 19-1-923

Nada de novo se tem passado n'esta santa terra durante a ultima semana a não ser a *desentaladela* dos trinta contos da casa do nosso sempre lembrado Eusebio. Ha dias recebeu ele para a Ex.<sup>ma</sup> esses trinta contos de direitos ad valorem sobre o bacalhau.

Aquilo é que era um entalanco!

Ele ha cada um!...

A proposito:

Uma nuvem negra paira sobre esta freguezia. Nuvem negra, triste e feia. Estamos sem junta de parochia!

Mas porque será?...

Porque será que a junta eleita pelos monarquicos não tome posse?...

Dizem-me que todos os dias o sr. Manuel d'Oliveira da Velha, o Marta, corre para a sacristia da igreja na doce ilusão de assumir o seu alto cargo mas duas horas depois, volta triste e abatido por nenhum dos seus companheiros lá se apresentar!

Vá, senhores eleitos da junta, porque não se reúnem e não dão esse prazer ao seu futuro presidente?

Ele não é digno da vossa companhia?

Um homem tão distinto, a nata dos professores primarios, um homem de largas vistas administrativas, um homem que promete uma reforma completa na administração dos bens da freguezia, um homem que se apresenta correctamente vestido com casacão e sobrecasaca, as suas calças sempre passadinhas a ferro, os seus sapatos de verniz, o seu cache-col inseparavel, as suas luyas e a sua não menos inseparavel cartola!

Oh! a sua inconfundivel cartola! A sua mística cartola quadrada! A sua cartola... verdadeiramente pedagogica!

Ainda ha de dar muito que falar esta cartola!

Por ventura aborrece-vos a companhia de um homem recebendo grossa maquia do Estado que o levantou do nada e que está a hostilizar tão desassombadamente o mesmo Estado?

Ora deixem-se d'isso!

Satisfaçam-se á vontade do sr. Marta e vão tomar conta dos seus lugares.

Ao menos dão uma satisfação aos seus eleitores e a nós alguns linguadões de galhófa.

Afinal, a tal declaração que se dizia o sr. Marta apresentaria

no Ilhavense, nunca chegou a aparecer.

Fez muito bem o sr. Marta. A um homem honesto e de tão bom proceder como sempre tem sido, a um homem que use uma cartola tão... pedagogica, não lhe ficava bem o vir para a imprensa dizer o que não sentia e iludir a bôa fé dos que o lêsem.

Muito bem!

Um estrangeiro.

## Foot-ball

Foi no passado domingo, 28, que se realisaram dois desafios, sendo o 1.º entre o 2.º onze do Club dos Galitos com o 1.º de Infantaria 24, vencendo este por 1 bola a 0. Desafio um tanto ou quanto falto de interesse visto ser a primeira vez este ano que se apresentaram os dois grupos no campo tendo até jogadores que foi a primeira vez que jogaram, mostrando alguns, aptidões para o jogo.

De parte a parte, as forças equilibram-se, tendo o grupo de Infantaria alguns bons elementos já conhecidos entre nós. O segundo desafio que foi jogado entre os primeiros onze do «Otto Sport Club» (grupo representativo da casa bancaria Pinto & Souto Maior, do Porto) e o do Club dos Galitos, saindo este vencedor por 2 bolas a 0. Eram 15 horas quando o Otto entra em campo, sendo coroado por uma forte salva de palmas, seguido pelos Galitos. Dados os pontapés preliminares da praxe o juiz de campo, sr. José Vieira, do Sporting de Espinho, apita reunindo os capitães dos dois grupos a fim de proceder a escolha do campo, cabendo a bola de saida ao Otto. O jogo, foi belo e cremos que assim o julgaram todos aqueles que sabem o que é foot-ball, deixando, por isso, as mais belas impressões, o que nós folgamos, por que assim é que entendemos que se faça foot-ball, sem uma discordia, sem a mais leve incorrecção e sem a mais pequena violencia. De parte a parte, foi em extremo a conduta mantida. Galitos que jogou com alma nesta primeira parte, fazendo consecutivos avanços ás rédes do Otto, que foram lindamente defendidos pelo seu guarda-rêde, que durante todo o desafio esteve oportuno até que ás 16 horas e 7 minutos a meia direita dos Galitos marca a primeira bola apontando rasteira e ao canto.

Bola ao centro, Galitos reage com mais força pondo varias vezes as rédes do Otto em perigo, cometida uma infracção na area de grande penalidade contra o Otto e esta mareada por Figueiredo envia propositadamente e muito devagar para as mãos do guarda-rêde. Pouco depois termina a primeira parte. Recomendando o jogo para a segunda parte do desafio Otto reage e ataca mais, pondo em perigo as rédes dos Galitos, mas as defezas d'este estão muito oportunas e salvam sempre estas ocasiões muito perigosas. Galitos avançou até que ás 16 e 48 com uma bela passagem da direita e bem rematada pelo centro consegue marcar a 2.ª bola. Otto quer ver se consegue furar as rédes dos Galitos empregando nos ultimos 25 minutos do jogo ataques ás rédes dos Galitos, mas veem os seus esforços debaldados devido á oportunidade em que está toda a defeza contraria, até que se ouve o apito dando como terminado o encontro.

Art. 4.º

As nossas apreciações. Otto, gostamos muito do seu guarda-rêde defezas, meia defeza, esquerda e centro, avançando esquerdo centro e uma direita e todos os outros muito bons. Dos Galitos toda a sua defeza e dos avançados a ponta esquerda, meio e centro, todos estes perdendo muita ocasião de marcar.

Art. 5.º

Os restantes bons, mas inferiores ao costume. A arbitragem correcta e imparcial. Congratulamos pela boa impressão deixada pelo encontro e pelos rapazes do Otto.

Pelos Galitos foi oferecido um almoço no Hotel Aveirense aos jogadores e um copo de vinho do Porto na sede do Club e no fim do encontro falando pelo Otto o sr. Esteves, ao qual agradece o capitão dos Galitos, o sr. Pompeu de Figueiredo, levantando-se muitos vivas aos dois grupos.

Off. side.

## Escritura social

PARA os devidos efeitos se anuncia que por escritura publica de vinte e quatro do corrente, lavrada nas notas do notario desta comarca, dr. Adelino Simão Leal, entre os senhores João de Deus Marques e Pompeu Alvarenga, industriais, de Aveiro, se constituiu uma Sociedade por Quotas de Responsabilidade Limitada, nos termos em seguida declarados.

Art. 1.º

A sociedade adopta a firma João de Deus Marques & Companhia, Limitada, e tem a sua sede no seu estabelecimento sito na rua João Mendonça, em Aveiro.

Art. 2.º

A duração da sociedade é por tempo indeterminado, contando-se o seu começo desde quinze de Janeiro do ano corrente.

Art. 3.º

O capital desta sociedade é de trinta mil escudos, divididos em duas quotas, sendo uma de quatorze mil escudos pertencente ao socio João de Deus Marques e outra de dezasseis mil escudos pertencente ao socio Pompeu Alvarenga, que se acham inteiramente realizadas e representadas pelo activo e passivo existente no estabelecimento da dissolvida sociedade.

Art. 4.º

Não é permitida a cedencia de quotas no todo ou em parte por qualquer dos socios sem consentimento do outro, que fica com o direito de preferencia.

Art. 5.º

A sociedade será representada em juizo ou fóra dele por qualquer dos socios, ficando desde já nomeado gerente o socio João de Deus Marques, com a retribuição mensal de quatrocentos escudos, não tendo o socio Pompeu Alvarenga retribuição alguma.

Art. 6.º

A firma social póde ser usada por qualquer dos socios, mas só em assuntos que digam respeito á sociedade e nunca em fianças, abonações, letras de favor ou outros documentos estranhos aos negocios da mesma firma.

Art. 7.º

Os balanços serão dados no dia trinta e um de Dezembro de cada ano; e os lucros serão divididos entre os socios na proporção das suas quotas, depois de retirados cinco por cento para fundo de reserva, enquanto este não estiver inteiramente realizado.

Art. 8.º

No caso de morte ou interdição de qualquer dos socios, a sociedade poderá continuar com os herdeiros ou representantes do socio falecido ou interdito.

Art. 9.º

Em todo o omisso regulação as disposições da Lei applicavel.

Aveiro, 25 de Janeiro de 1923.

O notario,  
Adelino Simão Leal.

## EDITOS

(1.ª publicação)

POR este Juizo de Direito, escrivão Marques, correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª publicação deste anuncio, citando o interessado Manuel Nunes Maia, solteiro, menor pubere, ausente em parte incerta da America do Norte, para os termos do inventario orfanologico por obito da sua mãe, Joana da Cruz Ferreira, moradora que foi em Aveiro.

Aveiro, 20 de Janeiro de 1923.

O escrivão,  
Francisco Marques da Silva.

Verifiquei:

O Juiz substituto,  
Alvaro de Eça.

## DISSOLUÇÃO DE SOCIEDADE

PARA os devidos efeitos se publica que por escritura de 25 do corrente, lavrada nas notas do notario desta comarca, dr. Adelino Augusto Simão da Fonseca Leal, se dissolveu a sociedade por quotas de responsabilidade limitada, que na praça de Aveiro girava sob a firma João de Deus Marques & C.<sup>a</sup>, Limitada, constituida nas notas do notario acima referido por escritura publica de 13 de Janeiro do ano findo de 1922, ficando todo o activo e passivo por conta dos socios João de Deus Marques e Pompeu Alvarenga.

Aveiro, 25 de Janeiro de 1923.

João de Deus Marques.

## CARTEIRA

PERDEU-SE na ultima sexta-feira do R. C. 8. á Praça da Republica com documentos que só ao proprio interessam.

Agradece-se a sua entrega no referido regimento ao soldado n.º 1.155 do 2.º esquadraão.

## MOVEIS

Grandes Armazens e Oficinas

— DE —

**Jaime da Rosa Lima**

Ruas José Estevam, 23 e 23-A e Mercadores, 8. e 8-A

— A EIRO —

Sortido completo de mobílias em todos os gostos e estilos.  
Tapetes, molduras, tapetes, oleados e muitos outros artigos.

— MOVEIS AVULSOS —

Colehoaria em todos os generos. Preços sem competencia.



Tabacaria e papearia

— DE —

**José Augusto Couceiro**

Avenida Bento de Moura, 1-A—AVEIRO

Tabacos nacionais e estrangeiros, boquilhas, cigarreiras, tabaqueiras, etc.

Tintas, livros, papel e outros objectos para escritorio.

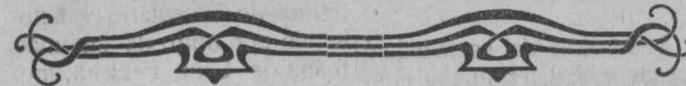
Tintas para pintar a óleo e aguarelas.

Postais ilustrados. Perfumarias. Camisaria e gravataria.

Cervejas e aguas.

Trabalhos tipograficos em todos os generos.

Canetas Ganklin e Ideal.

**Escola Academica**

(Junto ao Jardim Publico)

AVEIRO

Dispondo de optimo edificio, com todas as condições pedagogicas, recebe alunos internos, semi-internos e externos.

Instrução primaria, curso de comercio e explicações de todas as disciplinas de curso geral e complementar do Liceu.

Corpo docente diplomado e escolhido.

Tratar com

PADRE ALFREDO CAMPOS

AVEIRO

**Ricardo da Cruz Bento**

Praça do Peixe—AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, vinhos finos e carboreto

Papellaria e objectos de escritorio

Cotões americanos e outras miudezas

Vendas por junto e a retaho

**Sapataria da Moda**

Especialidade em calçado de luxo

Armazem de sola, cabedais e todos os artigos pertencentes á industria de sapataria. Fabrico manual

Elmano Ferreira Jorge, L.da

RUA JOÃO MENDONÇA, 20-1.º

— AVEIRO —

**Carpintaria Mecanica**

A Empreza Industrial de Pregaria e Moagem, L.da, de Avelãs de Caminho, Anadia, leva ao conhecimento do publico em geral que resolveu dar o maior desenvolvimento possivel a esta Secção, pelo que executa com a maxima perfeição todas as obras de carpintaria, dispondo para isso de pessoal habilitado e de maquinismos modernos.

Quem pretender os seus serviços, confrontem os preços, porque os nossos rivalizam com qualquer outra fabrica congénera.

Ha sempre em deposito, soalhos e forros aparelhados que vendemos a preços modicos.

Perfeição, economia e prontidão. Peçam tabelas.

**Sociedade Produtora**

— DE —

**Chicoria Limitada**

AVEIRO

Previnem-se os nossos clientes de que a partir do dia 1 de Novembro á temos em deposito chicoria estufada, aos melhores preços do mercado e bem assim á aceitamos encomendas de semente de chicoria, procedente de Magdeburg.

Pedidos a

Costa, Gonçalves &amp; Bola

AVEIRO

Retrozeiro Hespanhol

**José Gonzalez**

RUA JOSÉ ESTEVAM

AVEIRO

Completo e variado sortido em artigos de retrozeiro.

Lãs em todas as cores, agodões, retrozes, botões, itas de seda etc.

Rendas de todas as qua idades em bordados, mantilhas de seda, lã e algodão.

Meias para senhora em todas as qualidades.

Pengas para homem e creança. Pentes e sabonetes. Espartihos, bambineas, cortinados, tanto nacionais como estrangeiros.

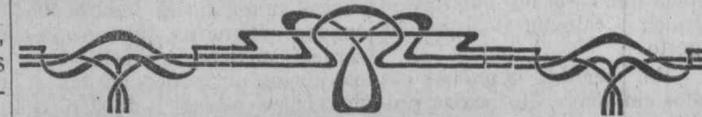
**OURIVESARIA VILAR**

Ruas José Estevam e Mendes Leite

AVEIRO

Compra e vende: ouro prata e relógios. Pratas artisticas. Relógios dos melhores autores. Objectos para brindes de todos os preços

OFICINA PROPRIA

**Sapataria Migueis**

RUA COIMBRA—AVEIRO

Armazem de sola, cabedais e calçado.

Fabrico Manual

Preços sem rival

**Tinturaria Aveirense**

Tingem-se em qua quer côr todos os artigos de ã, seda e a godão. Côres fixas. Lutos em 24 horas.

Todas as informações e encomendas devem ser dirigidas á Chapearia Carvalho, na rua Coimbra, antiga rua da Costeira.—AVEIRO.

**COLEGIO PORTUGUEZ**

NESTE colegio, situado num dos pontos mais centrais da cidade, obedecendo a todos os preconceitos da hygiene escolar e pedagogica, com esplendidas instalações electricas, professam-se os cursos: de instrução primaria, todas as disciplinas do curso geral e complementar dos liceus (letras e ciencias), com inglez ou alemão; cursos singulares para todas as disciplinas, incluindo a lingua alemã; arte applicada, bordados, rendas, pintura, desenho, flores e piano.

Corpo docente devidamente diplomado e habilitado.

Recebe alunas para frequentar o Liceu e Escola Primaria Superior.



ALFAITARIA DOS ARCOS

**José Pinheiro Palpista**

— Rua dos Mercadores —

AVEIRO

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos concernentes á arte.

Garante-se a perfeição e o bom acabamento.

